O potencial da História da Educação e da memória na atuação do professor

Mário Miguel Vemba[1]

Resumo: Este artigo centra-se na análise acerca do potencial da História da Educação e da memória, no processo de atuação do professor, face ao processo de ensino, na área da educação. A metodologia seguiu uma abordagem descritiva e analítica, sustentada pela pesquisa bibliográfica. Estruturalmente, dividimos a abordagem em três partes, sendo que, na primeira, apresentamos uma análise sobre o surgimento da História da Educação como conhecimento necessário para a formação e atuação do professor, incluindo as circunstâncias que o favoreceram. Na segunda parte, sustentamos o potencial da História da Educação, como um saber docente e recurso importante para a atuação do profissional de ensino, mormente na abordagem das questões educacionais. Na terceira parte, sustentamos o potencial da memória, como outro recurso que auxilia a História da Educação, tendo em conta a importância da mesma no processo de retorno ao passado, quando o professor, procura buscar referências para o presente. Entendemos que ao embarcar no processo de retorno ao passado, o professor pode combinar os dois referidos recursos, no intuito de mobilizar argumentos, evidências e experiências para embasar e enriquecer a sua abordagem. Concluímos realçando que a História da Educação, assim como a memória são recursos importantes que podem ajudar o professor no exercício da sua atividade de ensino, uma vez que lhe possibilitam um olhar sobre o passado e ampliar o repertório de argumentos, no sentido de possibilitar uma melhor compreensão e esclarecimentos sobre o presente.
Palavras-chave: história da educação; memória; atuação do professor; processo de ensino.

The potential of the History of Education and of memory in teaching practice

Abstract: This article focuses on analyzing the potential of the History of Education and of memory in teaching practice within the educational process. The methodology followed a descriptive and analytical approach, supported by bibliographic research. Structurally, we divided the discussion into three parts. In the first, we present an analysis of the emergence of the History of Education as knowledge necessary for teacher training and professional practice, including the circumstances that favored it. In the second part, we highlight the potential of the History of Education as a form of teaching knowledge and as an important resource for professional practice, particularly in addressing educational issues. Finally, in the third, we stress the potential of memory as another resource that complements the History of Education, considering its importance in the process of returning to the past, when teachers seek references to guide the present. We understand that by engaging in the process of returning to the past, teachers can combine these two resources in order to mobilize arguments, evidence, and experiences that support and enrich their approach. We conclude by emphasizing that both the History of Education and memory are essential resources that can assist teachers in their teaching activity, as they provide a perspective on the past and broaden the repertoire of arguments, thus enabling a better understanding and clarification of the present.
Keywords: history of education; memory; teacher performance; teaching process.

El potencial de la Historia de la Educación y la memoria en la actuación del profesor

Resumen: Este artículo se centra en el análisis del potencial de la Historia de la Educación y la memoria en el proceso de actuación del profesor, frente al proceso de

[1] Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED / Angola). E-mail: mariovemba76@gmail.com

enseñanza. La metodología siguió un enfoque descriptivo y analítico, respaldado por la investigación bibliográfica. Estructuralmente, dividimos el enfoque en tres partes, en la primera de las cuales presentamos un análisis sobre el surgimiento de la Historia de la Educación como conocimiento necesario para la formación y el desempeño del profesor, incluyendo las circunstancias que lo favorecieron. En la segunda parte, defendemos el potencial de la Historia de la Educación como conocimiento docente y recurso importante para la actuación del profesional de la enseñanza, sobre todo en el enfoque de las cuestiones educativas. En la tercera parte, defendemos el potencial de la memoria como otro recurso que ayuda a la Historia de la Educación, teniendo en cuenta su importancia en el proceso de retorno al pasado, cuando el profesor busca referencias para el presente. Entendemos que al embarcarse en el proceso de retorno al pasado, el profesor puede combinar los dos recursos mencionados, con el fin de movilizar argumentos, evidencias y experiencias para fundamentar y enriquecer su enfoque. Concluimos que la Historia de la Educación, al igual que la memoria, son recursos importantes que pueden ayudar al profesor en el ejercicio de su actividad docente, ya que le permiten mirar al pasado y ampliar su repertorio de argumentos, con el objetivo de facilitar una mejor comprensión y aclaración del presente.
Palabras clave: historia de la educación; memoria; actuación del profesor; proceso de enseñanza.

1 Introdução

A complexidade e responsabilidade da atividade profissional do professor, exigem dele, conhecimentos que lhe permitam uma melhor atuação. Deste modo, trata-se de conhecimentos ou saberes específicos e característicos da sua profissão. Autores que escreveram sobre os conhecimentos ou saberes necessários para a atuação do professor, como é o caso, por exemplo, de Tardif (2002), o autor classificou-os em pedagógicos, curriculares, disciplinares e experienciais. Tardif considera que estes saberes, não só envolvem a profissão do professor, mas que ele precisa apropriar-se deles para a sua prática.

Todavia, a par dos saberes observados por este autor, existem outros que emergem das disciplinas, como as das áreas das Ciências Humanas e Sociais, para ampliar os horizontes de atividade científica e docente, permitindo com que o professor, ao recorrer ao passado, segundo uma perspectiva histórica, busque referências para teorizar, problematizar e dar explicações sobre o fenômeno educativo, incluindo a sua própria inserção no mundo, como ser humano e cidadão.

De acordo com essa perspectiva, no auge de eventos que, no século XVIII promoveram a reestruturação e organização da função e do perfil da escola, surgiu no século XIX, a História da Educação, como uma disciplina, do ponto de vista da formação profissional, voltada precisamente a conduzir os professores a criticar o passado, explicar o presente, e do ponto de vista social, conduzi-lo a perceber-se não só como profissional, mas como ator histórico, ajudando-o, deste modo, a despertar uma consciência histórica de si, do

mundo e dos outros (Anjos, 2020). A disciplina tem, no seu escopo, a formação do professor, fornecendo-lhe conhecimentos para que ele possa atuar, com responsabilidade, no exercício da prática docente. Assim, considerando o raciocínio de que o professor precisa mobilizar conhecimentos para a sua atuação profissional, neste artigo, sustentamos a História da Educação, como um recurso importante para a atuação do professor, no processo de ensino, na área da educação.

Paralelamente a História da Educação, trazemos, de igual modo a memória, atendendo que, conforme referimos, uma vez que o professor precisará em algum momento da sua atividade, fazer um retorno ao passado para contextualizar a sua abordagem, a memória, apresentámo-la aqui, como pressuposto de que ela seria um aliado fundamental da História da Educação, nesse processo de retorno ao passado, no sentido de ambos auxiliarem o professor, na teorização, na problematização e na explicação do fenômeno educativo, no decurso do seu exercício profissional, na sala de aula.

É importante deixar claro de que diferente da História da Educação, a memória não é um conhecimento, mas sim, a base dele, por permitir a conservação e a eternização do conhecimento. Por meio da memória, o professor pode trazer para o centro das discussões, entre outros, as percepções, experiências e conhecimentos do passado. Como nos diz Machado e Neves (2015, p. 2) "[...] a memória pode mobilizar e colocar os professores em um movimento retrospectivo em que a rememoração pode ser potencializadora também de uma visão prospectiva sobre a sua atividade docente".

O objetivo deste artigo é analisar o potencial da História da Educação e da memória no processo de atuação do professor, face ao processo de ensino. Como metodologia, este artigo centra-se numa abordagem descritiva e analítica, tendo como suporte a pesquisa bibliográfica, dividimos a abordagem em duas partes. Na primeira, sustentamos o potencial da História da Educação como conhecimento fundamental da profissão docente e que se constitui como um recurso importante para analisar as questões educacionais, sob a perspectiva histórica.

Na segunda parte, sustentamos o potencial da memória como recurso importante na interpretação e reconstrução do passado. Assim, consideramos o conhecimento dos dois elementos, como uma competência necessária ao professor, pelo fato de lhe permitir a mobilização do saber e a capacidade de recorrer ao que se sabe para explicar o que se deseja, numa espécie de mediação. Embora sustentarmos a História da educação e a memória, como sendo aliados, neste artigo a contribuição de cada um deles é analisada de forma separada, ainda que existam autores que incluem a memória como uma das categorias da História da Educação. A título de exemplo, Santos (2007), considera a História da Educação como área

de ensino e investigação dedicada à interpelação e problematização do passado educativo por meio de três categorias, dentre elas a memória.

Entretanto, seja como for, ao longo do texto sustentamos como os dois elementos são fundamentais na atuação do professor. Consideramos relevante essa abordagem por entendermos que, por meio dela, será possível compreendermos a contribuição da História da Educação e da memória no processo de atuação profissional do professor, quando utilizados por ele, no intuito de recuperar o passado, teorizá-lo e problematizá-lo ou explicá-lo, para uma melhor compreensão do presente e apresentação de projetos para o futuro.

2 O surgimento da História da Educação como conhecimento necessário para a formação e atuação do professor

Iniciativas no campo da educação e da escola, como a reestruturação e organização da função e do perfil da escola, os estudos pedagógicos, os processos educativos, entre outros, no século XVIII (Silva; Aguilar, 2020), são apontados como fatores que favoreceram o surgimento da História da Educação, como conhecimento necessário para os professores, no século XIX. Um aspecto digno de realce é que, as referidas iniciativas, levaram a uma nova compreensão do referido século, passando este a ser considerado como o século da pedagogia (Cambi, 1999).

Partindo deste entendimento sobre aquele século, a História da Educação como disciplina escolar surge, segundo Nunes e Carvalho, (2005, p. 20), "[...] forjada pela defesa da necessidade de um ensino sistemático da pedagogia, que se iniciaria justamente com a sua própria história e arte de ensinar"; ou ainda, como diz Nóvoa (1994, p. 16), pela necessidade do "[...] esforço de cientificação da pedagogia".

Em relação ao que é referido pelos primeiros autores, o surgimento da História da Educação, justifica-se pela necessidade de se desenvolver técnicas e instrumentos pedagógicos, bem como na necessidade de se assegurar a reprodução das normas e dos valores, próprios da profissão docente. Quanto ao que é referido pelo segundo autor, como justificação, a História da Educação, foi abandonando o seu papel de disciplina que permite reconstruir a historicidade do processo educativo e do esforço de teorização pedagógica, para se transformar numa evocação descritiva de fatos, ideias e práticas para consumo dos futuros professores.

A pedagogização do século XIX, certamente, exigiria a intervenção de professores para a formação de cidadãos, para darem respostas às exigências do novo século, assim como

a promoção da cultura e dos valores exigidos. Assim, a formação de professores adquiriu uma grande importância que, ao longo do século XIX, justificava-se, segundo Nóvoa (1994), em grande medida, pela urgência de preparar profissionais que pudessem dar corpo aos novos desafios da educação.

De acordo ainda com o autor, os próprios professores foram protagonistas da importância que seria dada à preparação de professores e a melhoria do seu estatuto sócio profissional. Ou seja, os professores passaram a invocar um conjunto de fatores para justificarem a razão em que se deveria atribuir importância à preparação de professores e melhorar o seu estatuto sócio profissional. Nesse sentido, Nóvoa (1999), observa que os professores utilizam os seguintes argumentos: a sua ação educativa possuía um caráter especializado; outro argumento é que eles realizavam um trabalho de relevância social. Dada a sua pertinência, a História da Educação teria adquirido um estatuto ímpar no seio de muitos programas de formação de professores, sendo a disciplina com maior carga horária.

Com base ainda nos argumentos do autor, a título de exemplo, podemos apontar duas razões que justificavam a atribuição de um estatuto ímpar e maior carga horária à História da educação. A primeira, ela passou a fornecer exemplos do que os professores devem e não devem fazer no exercício da profissão docente; a segunda, passou a vigorar o entendimento de que a narrativa histórica por meio da História da Educação, competiria reforçar a convicção dos professores de que a escola é o fator essencial do progresso.

Tendo como ponto de partida as duas referidas razões, Martinho (2000, p. 11), afirma que, logo a seguir a inserção da História da Educação nos currículos, passou-se a chamar a atenção para a "[...] importância de compreender os princípios, as experiências, os sucessos e as decepções dos educadores do passado". Ainda em relação à chamada de atenção, Nóvoa (1994, p. 14), ressalta que "[...] pouco a pouco, a História da Educação transformou-se num instrumento de legitimação das ideias presentes dos educadores, numa espécie de receituário de ensinamentos, expondo as práticas a adotar ou a evitar". Ou seja, ela seria incorporada para se ajuntar às aprendizagens práticas e metodológicas nos planos de estudo da formação de professores.

Como podemos compreender, estava-se diante da exigência de uma institucionalização, formação e especialização de professores que, por sua vez, exigiria, segundo Nóvoa (1999, p. 18) "[...] o desenvolvimento das técnicas e dos instrumentos pedagógicos, bem como a necessidade de assegurar a reprodução das normas e dos valores próprios da profissão docente [...]". Nesta fase, a História da Educação, vai desempenhar um papel significativo na formação de professores como disciplina voltada a evocação descritiva

de fatos, ideias e práticas para o consumo deles.

A ideia do recurso à História da Educação como componente essencial para preparação e atuação de professores, foi amplamente reconhecida e apoiada por meio de argumentos apresentados no final do século XIX e início do século XX, por educadores daquela época, como é o caso, por exemplo, de Georges Dumesnil (1855-1916), David L. Kiehle (1837-1918), Jules Paroz (1824-1906), Adolfo Coelho (1849-1919). Acerca da necessidade da História da Educação para a atuação dos professores, destacamos os argumentos de Georges Dumesnil e David L. Kiehle.

Segundo Nóvoa (1999, p. 12), em 1888 Dumesnil afirmava que "[...] os professores que refletiram sobre a teoria e sobre a filosofia da sua profissão estão mais aptos para resolver as dificuldades práticas com que se deparam no campo da educação". Em 1901, Kiehle viria afirmar que:

> É possível ser um bom professor sem ter qualquer conhecimento da história da educação, do mesmo modo que um cidadão leal pode não conhecer a história do seu país. Este pode ser um especialista político, mas não será um estadista. Aquele pode ser um professor, mas não será um educador (Nóvoa, 1999, p. 12).

Ainda sobre a necessidade da História da Educação, na preparação dos professores, autores contemporâneos também comungam a mesma percepção dos autores anteriormente referidos. Martinho (2000, p. 11), ao referir-se da História da Educação como estudo histórico afirma que "[...] o estudo histórico permitirá, assim, guiar o professor nos melhores métodos e ideias, pois a maior parte já foi aplicada no passado e é possível saber quais os que falharam e quais os que tiveram sucesso". Fernandes (2009), por seu turno, entende que:

> Os professores terão na construção e no conhecimento do campo da História da Educação uma oportunidade privilegiada de se reverem a si próprios, às suas práticas, às suas culturas profissionais, às suas instâncias associativas e conviviais em que se forjam e continuam a forjar-se os seus saberes e valores (Fernandes, 2009, p. 245).

Diante destas expressões é possível percebermos a relevância atribuída a História da Educação, na preparação e atuação do professor. É por meio deste entendimento que diríamos que, quando se pensa sobre o lugar da História da Educação na formação do professor, a primeira ideia sustentada é de que ela é indispensável. Fernandes (2009), ao fazer uma abordagem sobre o lugar atribuído a História da Educação, na preparação do professor, recorreu inicialmente às palavras de Alberto Pimentel Filho, para demonstrar que ela seria um dos elementos indispensáveis da "propedêutica pedagógica". Ao corroborar com este

entendimento, o autor considera que a História da Educação ocupa o lugar de preparar profissionalmente os professores.

Paralelamente a necessidade da História da Educação, para a preparação dos professores, ainda nos finais do século XIX, surgiram autores e pedagogos que expressaram a importância da mesma para a abordagem e análise dos fatos educacionais, no geral, pelo professor. Por exemplo, o pedagogo suíço, Jules Paroz (1824-1906) e o pedagogo e filósofo português, Adolfo Coelho (1849-1919), são nos exemplos de referência significativa. Na ocasião, Paroz (1881) afirmava o seguinte:

> Se queremos fazer progressos conscientes e seguros do ponto de vista pedagógico, temos de nos aconselhar com a história. Enquanto a desvalorizamos, continuaremos a girar no círculo estéril do empirismo, a esgotar-nos em tentativas infrutíferas e a seguir teorias incertas e perigosas (Paroz, 1881, p. 2).

Na mesma linha de pensamento, por sua vez, Adolfo Coelho (1973, p. 37), refere que "[...] só se conhece bem no complexo das instituições humanas (e a educação é por certo a primeira dessas instituições) o que se conhece historicamente". Certamente que na recomendação de Jules Paroz e de Adolfo Coelho está implícita a ideia na qual, o estudo do passado permite compreender o presente e fazermos uma previsão do futuro. Dito de outro modo, percebemos aqui a existência da crença sobre a importância da História da Educação na intervenção do professor no processo pedagógico e educacional. Ou seja, a crença na importância da História da Educação como componente pedagógico, capaz de fornecer elementos essenciais para o exercício prática docente, assim como os valores educacionais necessários à formação da ética e da identidade profissional do professor.

Entre os autores mais recentes que analisam este assunto, Galvão e Lopes (2010) entendem que a História da Educação pode servir para compreender o presente e intervir no futuro por meio do estudo do passado, não repetindo os erros cometidos. Deste modo, tanto na expressão de Paroz, como na expressão de Martinho e de Galvão e Lopes, percebemos que existe uma evidência de se atribuir à História da Educação, um certo papel, numa espécie de guia do professor, no sentido de que ele possa orientar-se no exercício da sua profissão.

Ao se dar crença aos argumentos suscitados sobre a importância da História da Educação na atuação do professor, Nóvoa (1994), observa que, de início, ela incidiu sobre a evolução do tempo dos princípios educativos, apresentando-se como uma reflexão teórica sustentando que, para se entender a educação, se deveria partir do seu tempo histórico. Por sua vez, o fundamento da ciência pedagógica deveria ter como base a história. E por se falar

do ofício e da prática do profissional da educação, quanto ainda ao domínio que lhe é necessário, para além do domínio do processo histórico da educação e da profissão de professor, Ragazzini (1999), afirma que,

> Se a ideia de ensino é uma ideia elevada, que, ao lado de competências operativas de primeiro nível, prevê a presença de competências de segundo nível, de projeção e controle da própria atividade específica, não se pode não prever também capacidade – de terceiro nível – de análise crítica e de orientação do próprio agir escolar [...] (Ragazzini, 1999, p. 28).

Conforme os argumentos têm demonstrado desde o início deste artigo, é convicção nossa de que este terceiro nível que o autor se refere, isto é, o de análise crítica e de orientação do próprio agir escolar para o profissional de educação, a História da Educação se revela como um recurso profícuo para a construção desta competência. É esta uma das funções que vai determinar o lugar desta disciplina como indispensável na atuação do professor.

Com tudo o que descrevemos, podemos considerar que a História da Educação, como disciplina necessária para a preparação do professor, constituiu-se por meio de um processo que podemos considerar gradual, progressivo e evolutivo, que hoje acabou ganhando outros contornos, que transcenderam o campo disciplinar. Em termos de contornos que a disciplina ganhou, importa assinalarmos como a História da Educação é hoje entendida como disciplina. De acordo com Vieira (2010, p. 3), como disciplina, a História da Educação é hoje entendida como um espaço de reflexão que visa "[...] desnaturalizar a cultura e os seus processos de transmissão, de modo a produzir explicações sobre os momentos e os contextos que foram determinantes na estruturação dos modelos de educação predominantes".

3 A História da Educação entre os saberes docentes

Como disciplina fundamental na atuação do professor, a História da Educação constitui-se, evidentemente, num saber docente. Se buscarmos a lógica dos grupos de saberes docentes, abordados por Tardif (2002), dos quais, saberes pedagógicos, curriculares, disciplinares e experienciais, numa primeira acepção, podemos integrar a História da Educação, nos saberes pedagógicos. Neste grupo, ela ser entendida sob duas perspectivas: a primeira, como concepção proveniente de reflexões sobre a prática educativa; a segunda, como reflexão racional e normativa que conduz a orientação da atividade educativa.

Como reflexão racional e orientação da atividade educativa, na sua dimensão de conhecimento histórico, a História da Educação, como propõe Ragazzini (1999) é

fundamental como um dos pressupostos da contextualização e problematização dos fenômenos educativos, assim como do papel e da condição profissional. Numa breve locução, Felgueiras (2006, p. 30), afirma que ela "[...] pode dar uma base de verificação para a análise dos problemas [...]", entendidos aqui como os problemas da educação, ensino e aprendizagem.

Ainda no sentido da reflexão racional, Dalbosco (2023) corrobora a ideia na qual o conhecimento histórico que emerge da História da Educação pode permitir com que o professor amplie os horizontes de sua atividade científica e docente, garantindo-lhe a capacidade de ver as mesmas coisas e os mesmos problemas sob perspectivas mais amplas e plurais. Na mesma vertente, Felgueiras (2006), ao referir-se do referido conhecimento, a autora afirma que a sua função social, consiste no estímulo intelectual dos indivíduos.

É importante considerarmos que o professor, além de ser um profissional, é antes de mais nada, um ser humano. É a partir desta sua condição que precisamos acrescentar de que, o conhecimento histórico, para além de permitir-lhe a ampliação dos horizontes da atividade científica e docente, permite-lhe, de igual modo, conforme argumenta Dalbosco (2023), problematizar sua inserção no mundo como ser humano e cidadão. Ou ainda, transformar-lhe o entendimento e forjar-lhe outra concepção do mundo, conforme refere Felgueiras (2006). Sob essa perspectiva, o professor estaria diante de uma apropriação do saber experiencial, tendo em conta que o referido saber, segundo Tardif (2002, p. 39), além de se basear na experiência do trabalho cotidiano do professor, baseia-se de igual modo, "[...] no conhecimento de seu meio".

Partindo de igual modo, na categorização dos saberes docentes apresentados por Tardif (2002), numa segunda acepção, podemos ainda integrar a História da Educação, nos saberes curriculares do docente. Para o referido autor, estes saberes correspondem, entre outros, aos discursos que a instituição escolar apresenta, os saberes sociais definidos e selecionados como modelos de formação. No caso da História da Educação, temos, por exemplo, o discurso historiográfico, que permite uma abordagem historiográfica das práticas educativas.

O discurso historiográfico configura-se como um importante instrumento para prestar explicações de natureza educacional, dando lugar a abordagem historiográfica. Magalhães (1998), observa que a abordagem historiográfica se revela das mais fecundas quando se intenta a explicação da complexidade educacional, pois que, sendo a reflexão educativa uma condição necessária e fundamental para a ação, os sujeitos são desafiados a raciocinarem e agirem por analogia com experiências do seu próprio passado.

Com base na ideia de Magalhães é possível afirmarmos que, do discurso

historiográfico, deriva o estímulo do raciocínio e da ação dos profissionais envolvidos no campo da educação. Não simplesmente o estímulo do raciocínio e da ação, mas também, a vinculação deste seu raciocínio e ação com a experiência do passado. Para estes profissionais, a referida vinculação com o presente, poderia ser entendida como um princípio atrelado à responsabilidade de tornar mais inteligível as questões do campo em que eles atuam.

Para o mesmo autor, por meio do discurso historiográfico, a História da Educação tem se revelado mais adequada à representação da ação educativa em relação às outras vias discursivas centradas na observação, experimentação, medição e generalização, o que faz dela,

> [...] recurso comum aos práticos e aos teóricos, uns e outros necessitados, ou de influenciarem o presente a partir de lição do passado, ou de enquadrarem numa lógica evolutiva os princípios, as premissas e as hipóteses de trabalho que projetam (Magalhães, 1998, p. 12).

A narrativa da História da Educação dá-nos evidências que por si mesmas a confirmam como saber docente de natureza curricular, pela articulação da sua narrativa com os métodos de ensino, para apresentar os saberes sociais. É possível fazermos esta afirmação quando observamos que por meio desta ciência, o professor encontra a possibilidade de entrelaçar o contexto sócio histórico da organização do processo educativo, com o contexto social (Afonso, 2016). Ou seja, por meio da sua narrativa, ele encontra a possibilidade de fazer um cruzamento entre métodos e técnicas de ensino, com as trajetórias e condição social das populações escolarizadas, a inserção espacial da escola e identidades profissionais dos atores educativos. Este exercício se constitui fundamental na atuação do professor.

Podemos ainda sustentar a História da Educação, como saber docente, por meio das suas funções como ciência, evidenciadas nos conceitos de História da Educação, segundo alguns autores. Giles (1987, p. 1), define a História da Educação como "a ciência que ajuda a formar uma visão crítica das diversas tradições educativas". O autor acrescenta ainda que a História da Educação é também "[...] busca, investigação e procura sistemática com o intuito de tornar o presente mais inteligível". Na visão de Santos (2007, p. 232), por História da Educação entende-se a designação comumente usada para "[...] indicar a área de ensino e investigação dedicada à interpelação e problematização do passado educativo em função de três categorias irredutíveis: a temporalidade, a facticidade e a memorialidade". Na mesma ordem de ideias, Magalhães (2011, p. 9), sublinha que "[...] a História da Educação cumpre funções de informação, formação, investigação, [...]".

Analisando as funções e os papéis atribuídos à História da Educação, a partir da

abordagem dos autores que acabamos de citar, encontramos vários elementos que operacionalizam a atuação do professor, tendo em conta que tais funções e papéis, para além de ajudarem o professor, na compreensão do passado, também, instigam-lhe a certos atos que se constituem necessários à sua atuação no exercício da sua atividade de ensino. Partindo da perspectiva dos autores citados, a título de exemplo, seriam os seguintes atos: estabelecer uma visão crítica, investigar, interpelar, problematizar, os quais retiram o professor da condição de um ser passivo e desprovido da consciência de sua situação no mundo e conferem-lhe a condição de mudança.

Num estudo desenvolvido por Vemba (2025), sobre a pertinência da História da Educação para o professor, os resultados apuraram cinco dimensões que representam a sua pertinência, a saber: História da Educação, permite ao professor, (1) o embasamento da profissão docente; (2) a compreensão da historicidade da escola e da educação; (3) a reflexão crítica e capacidade analítica; (4) a consciência histórica/ pensar com historicidade; (5) a desnaturalização da educação e da escola.

Em relação à primeira dimensão, verificou-se que a História da Educação é pertinente porque oferece bases para a formação e profissionalização docente. Essa visão é também defendida pelos autores, como, por exemplo, Nóvoa (1999), que afirma que a História da Educação oferece ao professor, conhecimentos para formar a sua cultura profissional; e ainda os autores como Escolano Benito (1994) e Fernandes, (2009), que a consideram como propedêutica pedagógica para a formação do professor.

Na segunda dimensão, sobressai o entendimento de que a História da Educação é pertinente, visto que, por meio dela, os professores têm o privilégio de pensarem a educação e a escola a partir de uma certa historicidade. Este entendimento converge com o autor como, Fernandes (2009), o qual, na sua perspectiva, a História da Educação pode ajudar a entender a escola de hoje por meio da revisitação do passado. De igual modo, por meio da mesma revisitação, Anjos (2020), entende que a História da Educação, pode ser o estudo da história da escola em sentido restrito e estudo da educação em sentido amplo.

Quanto à terceira dimensão de pertinência, a da reflexão crítica e capacidade analítica, o referido estudo apurou que a História da Educação, contribui na reflexão crítica, na capacidade analítica e na visão crítica do professor. Este fundamento é também apresentado pelos autores como McCulloch (2012), o qual argumenta que a historiografia produzida nas pesquisas em História da Educação é capaz de gerar uma profissão docente mais reflexiva e crítica. Na mesma linha de raciocínio, Felgueiras (2006), faz alusão de que a História da Educação fornece uma base para a análise dos problemas sociais, culturais, econômicos e

políticos. E ainda, o autor Giles (1987), considera a História da Educação como ciência que ajuda a formar uma visão crítica.

A quarta dimensão sustenta que, como pertinência, o conhecimento de História da educação, permite com que o professor dê a devida dimensão aos processos histórico-educacionais ao longo do tempo, o que lhe proporciona, a consciência histórica/pensar com historicidade. Este argumento se aproxima com os dos autores como, Campos (2011), quando afirma que o papel da História da Educação, para o professor é criar as condições para que a educação seja compreendida dentro de seus contextos; ou seja, a sua presença justifica-se para tudo ser pensado historicamente.

Estes argumentos se aproximam, de igual modo, com o argumento de Mogarro (2007), quando esta destaca que os temas de História da Educação estão sujeitos a construir conteúdos de ensino, que contribuam para a construção de um pensamento histórico. Nessa mesma linha de pensamento, Magalhães (2011), afirma que o ensino de História da Educação também se abre para uma consciência histórica.

Já na quinta e última dimensão, à História da Educação é atribuída a pertinência de oferecer ao professor, elementos que visam desnaturalizar a educação e a escola, passando deste modo, a compreender a educação como um fenômeno histórico, político, social, cultural, que não é da ordem da natureza, mas da ordem da construção humana e que se transforma ao longo do tempo. Como autores que incluem o termo desnaturalização da educação, no contexto da História da Educação, encontramos Vieira (2010). O mesmo argumenta que ela é um espaço de reflexão que visa desnaturalizar a cultura e os seus processos voltados à explicação sobre a educação. De igual modo, Campos (2011), afirma que diante da tendência dos homens em naturalizar as ações humanas, caberá à História da Educação, desnaturalizar as práticas e as ideias educacionais.

4 A contribuição da memória

Entendemos ser necessário destacar a importância e o papel da memória na atuação do professor, tendo em conta que, se considerarmos a memória como testemunho, no decurso das suas funções tanto de ensino, como de investigação, o professor precisará sempre recorrer por várias vezes a ela, não só para interpelar o passado, como já dito, mas também para poder se situar no argumento e no debate.

Halbwachs (2017, p. 29), ao falar sobre a memória, ressalta que “[...] recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um

evento sobre o qual já temos alguma informação, [...]". Nesta linha de pensamento, Le Goff (1990), considera a memória como a propriedade de conservar certas informações, remetendo a pessoa a um conjunto de funções psíquicas através das quais permite atualizar impressões ou informações passadas. Por sua vez, Ricoeur (2014, p. 40), afirma que "[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela".

Assim, podemos considerar a memória como uma fonte e testemunho em que o professor pode recorrer para explicar um acontecimento. Ela é nossa identidade, guarda nossas vivências e experiências e também nos fala sobre o que somos e do mundo à nossa volta. Ora, o campo educacional está sujeito a transformações, e os diferentes problemas que nele ocorrem, têm precedência em vários acontecimentos da sociedade e particularmente do próprio campo da educação. Para compreender ou analisar e explicar tais problemas, os profissionais que atuam no campo da educação, particularmente os professores, certas vezes, precisam fazer recurso à memória, recorrendo ao passado, na busca de referências ou testemunhos para efetivarem as operações referidas.

Ainda do ponto de vista de referências ou testemunhos, certamente que os professores procuram no exercício da sua profissão, firmar a sua identidade profissional, seja de forma individual, ou coletiva. Para o efeito, precisam de referências para construção da identidade desejada. Neste caso, a memória, em parceria com a História da Educação teria um papel muito fundamental, porém, sem descurar de que ambos não seriam os únicos que poderiam fornecer tais referências, mas também, a própria formação e especialização no campo da profissão docente, considerando teorias, saberes, princípios e práticas próprias do referido campo.

Le Goff (1990, p. 250), ressalta que "[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]". Como também, por meio da memória, os professores podem, por exemplo, recorrer às práticas, princípios e modos de atuação profissional dos professores de uma determinada época histórica, apropriando-se deles para formar a sua identidade profissional.

Por que os professores precisam recorrer à memória? Entendemos que os professores precisam recorrer à memória no sentido de retirarem do passado aprendizagens que podem tornar a atividade docente mais significativa para professores, alunos e para a escola. Referindo-se sobre a ênfase da memória para a escola como um todo, Machado e Neves (2015), observam o seguinte:

> A ênfase atribuída a uma memória pretérita não se define na crença, ou assunção, de que a escola precise viver de seu passado, mas há muitos eventos e histórias que merecem ser rememorados para que a trajetória que se realiza no presente seja enriquecida por experiências vivenciadas em uma longa caminhada anterior, que sirva como referência, como um marco inicial. A consideração do tempo já transcorrido e a transcorrer na escola é muito importante para a escolha dos caminhos que se quer percorrer e o alcance dos objetivos traçados (Machado; Neves, 2015, p. 16).

Os professores, se constituem como herdeiros de uma categoria profissional que, por meio da educação, têm como missão, a passagem do testemunho, às novas gerações, isto é, o legado da humanidade (costumes, valores, princípios, etc.), para salvaguarda do passado. Este exercício de passagem do testemunho, pode ser feito tendo como base a memória, se considerarmos o ponto de vista de Ricoeur (2014, p. 40), segundo o qual, "[...] não temos outro recurso a respeito da referência ao passado, senão a própria memória". Embora Ricoeur tenha destacado particularmente a memória, porém, ela não seria o único instrumento para a passagem do testemunho às novas gerações. A História da educação, os documentos, bem como outras variedades de fontes históricas e artefatos, são de igual modo importantes para esse efeito.

Le Goff (1990, p. 250), observou que a memória, "[...] procura salvar o passado para servir o presente e futuro". É a partir deste entendimento que podemos perceber a importância da memória na educação e especialmente na atuação do professor. A esse respeito, precisamos lembrar de que a ideia de se salvar o passado para servir o presente, configura-se de igual modo como exercício da História da Educação, na abordagem e análise dos fatos. A respeito disto, Felgueiras (2006, p. 30), argumenta que "[...] na verdade toda a historiografia se desenvolve como produção de uma memória de fatos socialmente notáveis e não por ilação teórica, dedutiva, da enumeração de aspectos da vida a preservar". Porém, isto não significa que Memória e História sejam iguais. Nora (1993), faz questão de distinguir a diferença entre os dois elementos. Para o autor a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos; ou ainda o elo entre o passado e presente. E a história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais; ou ainda, o discurso sobre a memória.

É importante frisar que a memória que temos tratado neste tópico não é algo uniforme. Por isso mesmo vale distinguir os tipos de memória, segundo Halbwachs (2017). Para este autor, existe a memória individual (interior, interna ou autobiográfica) e memória coletiva (externa, social ou histórica), e cada indivíduo participa destes dois tipos de memórias. Por outro lado, a memória individual ou autobiográfica recebe ajuda da memória histórica, tendo em conta que a vida de cada indivíduo faz parte da história geral. No entanto, é a memória

individual que permite a representação do passado de forma mais ampla; tudo porque, a memória coletiva "[...] só pode existir e permanecer na medida em que estiver ligada a um corpo ou um cérebro individual" (Halbwachs, 2017, p. 69).

Depreendemos, assim, que o professor precisa da memória coletiva para poder se situar. Deste modo, ainda que o professor esteja a falar de suas próprias experiências sobre a escola, ele os relata sob ponto de vista da memória coletiva, visto que nós nunca estamos a sós, ainda que não esteja alguém fisicamente conosco, na altura dos acontecimentos. A ideia de o professor apoiar-se na memória coletiva para se situar na memória individual é também reforçada por Ricoeur (2014, p. 130), quando este afirma que "[...] é a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma". De acordo com Le Goff (1990),

> [...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (Le Goff, 1990, p. 249).

Não podemos desconsiderar a inclusão das questões educacionais neste conjunto referido por este autor, visto que, como temos compreendido o percurso do processo educacional tem se revelado como resultado de uma memória coletiva que se desenvolve de forma permanente ao longo do tempo. A respeito disso, Ricoeur (2014, p. 108), entende que "[...] é à memória que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo, [...], do passado para o futuro, de trás para a frente". Ainda no sentido de orientação para a atuação dos professores, Machado e Neves (2015, p. 3), reforçam que "[...] a memória pode mobilizar e colocar os professores em um movimento retrospectivo em que a rememoração pode ser potencializadora também de uma visão prospectiva sobre a sua atividade docente".

Assim, podemos reafirmar a memória como um elemento importante na atuação do professor. De igual modo, podemos ainda enfatizar aqui, as áreas de conhecimento que configuram a formação de professores, como é o caso, por exemplo, da História da Educação, que além de ser importante para enriquecer e potenciar o exercício da memória no processo histórico-educacional, também é fundamental e indispensáveis na atuação do professor.

Segundo Fernandes (2009, p. 236) "[...] a educação não decorre num deserto social. Pelo contrário, tanto no presente como no passado, ela situou-se na intercepção de fatos histórico-sociais de diferente natureza". Partindo do argumento deste autor, podemos afirmar que, tanto a memória quanto a História da Educação, ambos são necessários na atuação do professor, para a intercepção e contextualização dos referidos fatos, quer sejam de natureza

educativa ou pedagógica, para a explicação da sua gênese e do respetivo processo do seu desenvolvimento.

Para a intercepção de fatos históricos, certamente, para o professor, será várias vezes necessário recuar no tempo. Não nos referimos ao tempo artificial dos relógios, mas sim, ao tempo histórico formulado na teoria da Escola de Annales, o qual, requer a ação e o uso da História da Educação e da memória como instrumentos dos saberes essenciais, não só na intercepção, mas também na reconstrução dos fatos e do conhecimento histórico. Dito de outro modo, falamos do tempo na perspectiva da longa duração, segundo Braudel (1965), que nos permite pensar os acontecimentos, num tempo longo.

Ainda sobre o tempo histórico, Savater, (2005, p. 42) ao vinculá-lo ao ensino, afirmou que "[...] o ensino está intrinsecamente ligado ao tempo, como transfusão deliberada e socialmente necessária de uma memória coletivamente elaborada". O mesmo autor acrescenta ainda que "[...] não há aprendizado que não implique consciência temporal e que não responda direta ou indiretamente a ela". Considerando o primeiro argumento deste autor, é possível ainda perceber que o tempo é um recurso essencial na construção da memória, que por sua vez, os professores, podem recorrer para intervirem em diversos aspectos do processo educativo e da escola no geral. Assim, por meio da memória, em torno e com base no fator tempo, eles podem planificar, projetar, organizar e realizar a avaliação do processo educativo, incluindo a avaliação dos fenômenos educativos e a intervenção no aprendizado.

Em relação ao segundo argumento, uma vez que o autor afirma que o aprendizado se vincula direta ou indiretamente ao tempo, vale neste caso afirmar que os instrumentos sustentados neste artigo, isto é, a História da Educação e a memória, por permitirem o estabelecimento de vínculos com o passado, eles serão sempre úteis na atuação do professor, como elos entre o passado e o presente.

5 Considerações finais

Tudo o que foi abordado sobre a História da Educação, do ponto de vista dos saberes docentes, articulando-o com o que foi sustentado, em relação à importância, a função e o papel que ela desempenha no processo educacional, podemos afirmar que realmente ela se configura como um saber docente necessário para a atuação do professor. O mesmo, reafirmamos em relação à memória, uma vez que, conforme ficou evidente ao longo da abordagem, ambos, podem ajudar o professor a atuar com maior eficácia no processo de ensino. A partir do olhar sobre o passado, o professor, recolher dele, subsídios para enriquecer

o seu argumento e esclarecer as transformações sociais e suas implicações no processo educativo. Ou ainda, fundamentar sobre as transformações sociais, que ocorreram e ainda ocorrem no campo da educação, com base no passado.

Desse modo, tanto a História da Educação, quanto a memória, elas não contribuem apenas com informações, no sentido de que o professor possa teorizar as questões educacionais. Elas contribuem também com informações que representam experiências, práticas e estratégias pedagógicas do passado, que antes de tudo, contribuem na formação da identidade profissional do professor e por fim na sua melhor atuação. Neste sentido, consideramos que os dois elementos são recursos importantes para ajudar-lhe, sempre que for necessário, no exercício da sua atividade de ensino, no sentido de possibilitar-lhe um olhar sobre o passado, ampliar-lhe a compreensão e possibilitar-lhe esclarecimentos e mudanças.

Vale deixar claro que, não foi nossa pretensão sustentar a História da Educação e a memória como elementos que substituem a formação do professor; ou seja, não estamos sustentando que, com o recurso à História da Educação e a memória, seria suficiente para o professor poder atuar. Reconhecemos que a atuação exitosa do professor é dependente de uma formação sólida do mesmo, no seu campo de atuação. É necessário que ele estude teorias, leis, princípios, procedimentos, etc., que regem a profissão docente, para acumular experiências na sua área. Até porque, entendemos que o bom proveito, tanto da História da Educação, quanto da memória como instrumentos de atuação, depende da boa formação do professor no seu campo de atuação, para que ele faça um aproveitamento consciente e racional destes instrumentos.

Referências

AFONSO, J. A. História da Educação em Portugal: objetos e epistemologias. **Annali online della Didattica e della Formazione Docente**, vol. 8, n. 12, p. 66-78, 2016. DOI: https://doi.org/10.15160/2038-1034/1393. Disponível em: https://annali.unife.it/adfd/article/view/1393.

ANJOS, J. J. T. A disciplina História da educação no contexto dos fundamentos da educação e da formação de professores: concepções tradicionais e tendências contemporâneas. *In*: SILVA, F. T. (Org.). **História e historiografia da educação brasileira:** teorias e metodologias de pesquisa. Curitiba: Appris, 2020.

BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, v. 30, n. 62, p. 261–294, 1965. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123422. Disponível em: https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422. Acesso em: 23 jun. 2025.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPOS, N. Lugar da História da Educação na formação do professor/pedagogo. **Revista Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 15, n. 2, p. 95-104, maio/agosto. 2011. DOI: https://doi.org/10.4013/edu.2011.152.1517. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2011.152.01.

COELHO, F. A. **Para a história da instrução popular**. Lisboa: Instituto Gulbenkian da Ciência – Centro de Investigação Pedagógica, 1973.

DALBOSCO, C. A. A universidade na disputa entre saber gerenciado e conhecimento formativo: o caso da reforma universitária alemã. **Revista de Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 27, p. 1-19, 2023. DOI: https://doi.org/10.4013/edu.2023.271.12. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/25544.

ESCOLANO BENITO, A. La investigación histórico-educativa y la formación de professores. **Revista de ciências de la educación**, Madrid, n. 157, p. 55-69, 1994.

FELGUEIRAS, M. L. **História da Educação em Portugal:** instituições, materiais, práticas e representações. Porto: Universidade do Porto, 2006.

FERNANDES, R. A História da Educação e o seu ensino. *In*: GATTI JR., D.; MONARCHA, C.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **O ensino de História da Educação em perspectiva internacional**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 229-248.

GALVÃO, A. M. O.; LOPES, E. M. T. **Território plural:** a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.

GILES, T. R. **História da Educação**. 1. ed. São Paulo: EPU, 1987.

HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2017.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MACHADO, J. C.; NEVES, R. As contribuições da memória na formação continuada de professores. **Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica**, Vitória, v. 05, n. 03, p. 49-66, nov. 2015. DOI: https://doi.org/10.36524/dect.v5i03.123. Disponível em: https://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect/article/view/123.

MAGALHÃES, J. Fazer e ensinar História da Educação. *In*: MAGALHÃES, J. (Org.). **Fazer e ensinar História da Educação**. Braga: Centro de estudos em educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1998, p. 9-28.

MAGALHÃES, J. O ensino da História da Educação. *In*: CARVALHO, M. M. C.; GATTI JR., D. (Org.). **O Ensino de História da Educação**. Vitória: Sociedade Brasileira de História da Educação/ Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2011, p. 175-210.

MARTINHO, A. M. M. **A História da educação na formação de professores**. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 2000.

MCCULLOCH, G. História da educação e formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17 n. 49, p. 121-132, jan./abr. 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000100007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Q9gRBZb4YCdwKZVdSGrBmns/?format=html&lang=pt.

MOGARRO, M. J. A História da Educação nos currículos de formação de professores: consolidar a História da Educação, pela construção de identidades. *In*: PINTASSILGO, J.; ALVES, L. A. M.; FELGUEIRAS, M. L. (Org.). **História da Educação em Portugal:** Balanço e perspectivas. Porto: Edições ASA, 2007, p. 205-227.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

NÓVOA, A. **História da Educação**. Lisboa: FPCE/UL, 1994.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999, p. 13-33.

NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. Historiografia da educação e fontes. *In*: GONDRA, J. G. (Org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17-62.

PAROZ, J. **Histoire Universelle de la Pedagogie**. Paris: Delagrave, 1881.

RAGAZZINI, D. Os estudos histórico-educativos e a História da Educação. *In*: SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. (Org.). **História da Educação:** perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas, SP: Autores associados: HISTEDBR, 1999, p. 19-35.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campina, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SANTOS, M. T. Perfil da História da Educação: Conflito entre o empobrecimento efetivo e o potencial objetivo. *In*: PINTASSILGO, J.; ALVES, L. A. M.; FELGUEIRAS, M. L. (Org.). **História da Educação em Portugal:** Balanço e perspectivas. Porto: Edições ASA, 2007, p. 232-256.

SAVATER, F. **O valor de educar**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

SILVA, O. V.; AGUILAR, C. M. B. Considerações sobre a história da forma escolar e a pedagogização das relações sociais. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, p. 131-144, 2020. DOI: https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v1i0.6541. Disponível em: https://revista.ufrr.br/repi/article/view/e202010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VEMBA, M. M. **Ensino e pesquisa em História da Educação na formação de professores em Angola e no Brasil**. Maringá. Tese (Doutorado em educação). Universidade Estadual de Maringá, 2025.

VIEIRA, C. E. História da Educação. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário:** trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.